

Dançando com vampiros e beijando caixões: uma perspectiva de valorização dos espaços cemiteriais a partir das subculturas urbanas e suas formas de socialização

RESUMO

O presente trabalho discute o potencial das subculturas urbanas, em especial a gótica e a emo, como aliadas na valorização e ressignificação dos espaços cemiteriais. Partindo da perspectiva dos cemitérios históricos da cidade do Recife e de conceitos como thanaturismo e turismo de conteúdo, argumenta-se que, por meio de sua estética e relação simbólica com a morte, esses grupos podem contribuir para reinserir os cemitérios no cotidiano urbano como espaços de memória, arte e socialização. A abordagem do artigo combina análise bibliográfica e reflexão crítica, articulando patrimônio, juventude e sensibilidade cultural. Dessa forma, são apresentadas possibilidades práticas, como eventos culturais, ações educativas, desenvolvimento de produtos e estratégias de comunicação digital voltadas à valorização do patrimônio cemiterial. Por fim, conclui-se que, embora não sejam uma solução definitiva, essas subculturas podem atuar como catalisadoras do engajamento social e de novas formas de pertencimento simbólico aos espaços da morte, contribuindo, assim, para mitigar os estigmas que permeiam os cemitérios na atualidade.

Palavras-chave: Cemitérios; Subculturas; Gótico; Emo; Preservação patrimonial.

*Arqueóloga e mestranda em Design pela Universidade Federal de Pernambuco. CV: <http://lattes.cnpq.br/1034475336827685>

**Doutor em Design pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Associado do Curso de Design no Departamento de Design na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). CV: <http://lattes.cnpq.br/4342813292707097>

Dancing with and kissing coffins: a perspective on cemeterial space appreciation through urban subcultures and their forms of socialization

ABSTRACT

This paper discusses the potential of urban subcultures, especially Gothic and Emo, as allies in the valorization and re-signification of cemetery spaces. Starting from the perspective of the historical cemeteries of the city of Recife and concepts such as thanaturism and content tourism, it argues that, through their aesthetics and symbolic relationship with death, these groups can contribute to reintegrating cemeteries into urban daily life as spaces of memory, art, and socialization. The article's approach combines bibliographic analysis and critical reflection, articulating heritage, youth, and cultural sensitivity. In this way, practical possibilities are presented, such as cultural events, educational actions, product development, and digital communication strategies aimed at valuing cemetery heritage. Finally, it concludes that, although not a definitive solution, these subcultures can act as catalysts for social engagement and new forms of symbolic belonging to spaces of death, thus contributing to mitigating the stigmas that permeate cemeteries today.

Keywords: Cemeteries; Subcultures; Goth; Emo; Heritage preservation.

Bailando con vampiros y besando ataúdes: una perspectiva sobre la valoración de los espacios de los cementerios desde el punto de vista de las subculturas urbanas y sus formas de socialización

RESUMEN

Este artículo analiza el potencial de las subculturas urbanas, en especial la gótica y la emo, como aliadas en la valoración y la resignificación de los cementerios. Partiendo de la perspectiva de los cementerios históricos de la ciudad de Recife y conceptos como el tanaturismo y el turismo cultural, se argumenta que, a través de su estética y su relación simbólica con la muerte, estos grupos pueden contribuir a la reintegración de los cementerios en la vida cotidiana urbana como espacios de memoria, arte y socialización. El enfoque del artículo combina el análisis bibliográfico y la reflexión crítica, articulando el patrimonio, la juventud y la sensibilidad cultural. De esta manera, se presentan posibilidades prácticas, como eventos culturales, acciones educativas, desarrollo de productos y estrategias de comunicación digital dirigidas a valorizar el patrimonio de los cementerios. Finalmente, se concluye que, si bien no constituyen una solución definitiva, estas subculturas pueden actuar como catalizadoras del compromiso social y de nuevas formas de pertenencia simbólica a los espacios de la muerte, contribuyendo así a mitigar los estigmas que impregnan los cementerios en la actualidad.

Palabras clave: Cementerios; Subculturas; Gótico; Emo; Preservación del patrimonio.



Lotman, Américo e Kondratiuk (2025) argumentam que a morte é, possivelmente, a maior de todas as contradições enfrentadas pelo ser humano, uma vez que morrer escancara o paradoxo que existe entre a infinidade aparente da vida e a finitude quase tangível da vida do indivíduo. Conforme discutem Seaton (1996) e Lima, Rocha e Silva (2022), desde a pré-história, esse sentimento estranho e paradoxal que ronda o fenômeno da morte suscita a curiosidade humana acerca do fim da vida e do que acontece ao chegar lá. Desta forma, cada grupo cultural desenvolveu sua própria maneira de lidar com a morte e seus desdobramentos, inclusive dando origem ao que hoje se entende por cemitério: locais destinados à inumação de corpos, que são depositados de maneira ordenada e seguindo os ritos funerários específicos de cada sociedade (Lima, Rocha e Silva, 2022).

Os cemitérios, por sua vez, integram uma parte fundamental do presente texto, que pretende versar sobre a maneira como esses espaços são percebidos pela sociedade ocidental e contemporânea do século XXI a partir de estudos realizados por Tavares et al. (2015), Nascimento (2022), Melo e Halley (2022) e Costa e Silva (2023) nas necrópoles recifenses de Santo Amaro, Ingleses e Várzea, todas inauguradas ao longo do século XIX. Além disso, também é objetivo do trabalho discutir possibilidades para enfrentar os desafios relacionados a questões patrimoniais cemiteriais, como, por exemplo, a manutenção dessas áreas diante da crescente desvalorização e afastamento social.

As necrópoles são praticamente museus a céu aberto que contam com vasto acervo histórico, arqueológico e cultural (Tavares; Brahm & Colvero, 2017; Barthel; Ramos & Castro, 2020; Nascimento, 2022; Costa & Silva, 2023). Além disso, como aponta Seaton (1996), desde a pré-história os espaços da morte estão relacionados com momentos de sociabilidade. Entretanto, conforme discutem Nascimento (2022), Trevisan e Maciel (2023) e Costa e Silva (2023), é possível perceber um afastamento por parte da população em relação aos espaços funerários, seja por questões religiosas ou sentimentais.

Em seus trabalhos, Tavares et. al (2015), Nascimento (2022), De Melo e Halley (2022) e Costa e Silva (2023) discutem os impactos do abandono social sofrido pelos cemitérios no contexto da cidade do Recife na última década. Entre eles, é possível citar desafios como dificuldade de manutenção não só do patrimônio cemiterial, mas também do próprio espaço físico dos cemitérios diante do avanço da urbanização; dificuldade de compreender a morte como um fenômeno natural que integra a experiência de viver; e dificuldade de compreender o motivo pelo qual se deve preservar os espaços cemiteriais.

E, como argumentam Nascimento (2022) e Costa e Silva (2023), embora existam políticas para a valorização dos cemitérios, tais como a patrimonialização e a musealização, essas não são suficientes para mitigar o estigma existente no imaginário popular acerca dos cemitérios. Para os autores, mais do que transformar as necrópoles em patrimônio, é necessário que a população as compreenda como tal, posto que essa compreensão é a chave para atenuar o estigma atrelado aos cemitérios. Uma ideia semelhante é sustentada também por Florêncio (2012), que defende que, para uma ação voltada a questões patrimoniais ser bem-sucedida, ela precisa levar em consideração as vivências das comunidades ao redor.

Isso, porém, não é algo fácil de alcançar, em especial quando se trata de temáticas mortuárias, posto que a sociedade ocidental contemporânea apresenta uma dificuldade, ou mesmo um receio de tratar desses temas, conforme exposto por Trevisan e Maciel (2023). De acordo com os autores, embora a morte seja um fenômeno que acompanha a vida desde o seu surgimento, há uma resistência em se falar sobre questões mortuárias e seus desdobramentos. Isso acaba por criar um entrave quanto à naturalização desse acontecimento, o que gera uma consequente marginalização e desvalorização dos espaços da morte na sociedade, já que se atribui a eles uma imagem negativa.

Embora as necrópoles sejam guardiãs da história e da cultura da cidade no entorno, Seaton (1996), Tavares, Brahm e Colvero (2017), Nascimento (2022) e Costa e Silva (2023), apontam que o afastamento generalizado da morte e de seus espaços é um dos principais causadores da atual desvalorização sofrida pelos cemitérios. Dessa maneira, tal como defendem Trevisan e Maciel (2023), quanto antes as pessoas começarem a pensar e conversar sobre a morte, menos difícil será naturalizar esse fenômeno, uma vez que a morte é um aspecto intrínseco da vida. Contudo, como fazer isso em uma sociedade que busca constantemente amenizar temáticas complexas?

Uma possibilidade, talvez, seja examinar grupos urbanos conhecidos como subculturas, em especial os góticos e os *emos*. Essas duas comunidades surgiram entre os anos 1970 e 1980, motivadas por um profundo inconformismo com os padrões da sociedade e desde suas origens apresentam uma intensa e arraigada relação com a morte e suas nuances. Assim sendo, esses grupos tendem a não temer a morte: em vez disso, a celebram como um fenômeno essencial que integra o ato de viver (Campos & Brandt, 2013; Carvalho, 2015; Silva, 2024).

Pautados no que Seaton (1996) chama de *thanatopsis*, ou contemplação da morte, os integrantes dessas subculturas costumam produzir e consumir mídias com temáticas mórbidas, funestas e viscerais, além de refletir e motivar debates sobre questões como gênero, luta de classes, moralidade, sofrimento, finitude e o morrer propriamente dito, utilizando inclusive a moda e o próprio corpo como formas de expressão (Campos & Brandt, 2013; Carvalho, 2015). Além disso, também faz parte da vivência dessas subculturas ir até cemitérios para admirar a arte tumular e ponderar sobre a existência, conforme mostram Campos e Brandt (2013) e Silva (2024).

Levando isso em consideração, o presente trabalho propõe discutir e analisar uma perspectiva de valorização dos espaços cemiteriais a partir das subculturas urbanas e suas formas de socialização, dando ênfase aos góticos e *emos*, uma vez que ambos os grupos possuem afinidade com temáticas fúnebres e podem, a seu próprio modo, contribuir para a valorização dos espaços da morte na sociedade contemporânea. Essa proposição é feita a partir da ideia defendida por autores como Florêncio (2012), Sugawa-Shimada (2015; 2020; 2022) e Cardouzo, Koury e Chicca Junior (2024), que argumentam que, a partir do sentimento de identificação popular, a proteção e valorização do patrimônio se dão de maneira bem-sucedida.

Uma breve confabulação sobre os espaços cemiteriais: reflexões a partir das necrópoles recifenses de Santo Amaro, Ingleses e Várzea

Como mostram Lima, Rocha e Silva (2022), desde a pré-história, a morte é um fenômeno que vai além do biológico: é também carregado de significados culturais e sociais atribuídos de maneira singular por cada grupo humano, que, em suas próprias individualidades, desenvolveu meios para lidar com o morrer e seus desdobramentos ao longo do tempo. Uma das maneiras mais frequentes de tratar os mortos envolve a inumação, isto é, o enterramento dos corpos, sendo essa prática responsável por criar o que hoje se entende como cemitério, necrópole, campo santo, entre outros tantos sinônimos.

Considera-se um cemitério um local no qual são realizados enterramentos de maneira ordenada, seguindo os rituais específicos de cada cultura (Lima, Rocha e Silva, 2022). A partir dessa conceituação, é possível encontrar cemitérios dos mais diversos tipos, desde os tempos pré-históricos até os dias atuais. Além disso, conforme Seaton (1996), a visita aos espaços de morte é o tipo de turismo mais antigo do qual se tem registro. Afinal, a morte é uma herança comum a todas as criaturas vivas e os mistérios que a cercam intrigam a humanidade no geral.

A morte está interligada com a vida de uma maneira tão profunda que os espaços reservados para os mortos vão além de locais de repouso e despedida, sendo também territórios simbólicos nos quais é possível ter um vislumbre da sociedade que cerca e faz uso desses lugares (Melo & Halley, 2022). Barthel, Ramos e Castro (2020) corroboram essa ideia ao defenderem que a organização dos espaços cemiteriais funciona como um importante marcador cronológico e sociocultural da sociedade ao redor. Conforme as autoras, a maneira como se utilizam os espaços cemiteriais, bem como a maneira como são realizados os ritos funerários, revelam muito sobre os valores de uma época, uma vez que são as organizações sociais dos vivos que ditam como será feita a organização social dos mortos.

A evolução dos sepultamentos na cultura católica, por volta do século XVIII, conforme exemplo apresentado por Barthel, Ramos e Castro (2020), destaca que quanto mais próxima do altar uma pessoa era enterrada, mais poder ou importância ela possuía. Algo que era feito nas dependências das igrejas, inclusive dentro do próprio prédio santo. Por outro lado, pessoas marginalizadas pela sociedade, como não católicos, suicidas ou criminosos, por exemplo, eram sepultadas em praias ou valas comunitárias.

E, mesmo depois da proibição dos sepultamentos dentro das igrejas, uma situação semelhante se repete nos cemitérios extramuros: pessoas com maior poder aquisitivo são enterradas em túmulos maiores e em áreas melhores, enquanto pessoas menos afortunadas são sepultadas em covas rasas ou gaveteiros funerários em partes marginais do terreno. Dessa maneira, a arte tumular e a própria organização dos espaços cemiteriais são importantes marcadores cronológicos e socioculturais das cidades que os rodeiam (Barthel, Ramos e Castro, 2020). Por meio das construções fúnebres é possível ter acesso a um vasto acervo artístico e arquitetônico, bem como compreender elementos da história e cultura locais. Em muitos casos, esse acesso ocorre de maneira gratuita, uma vez que diversos cemitérios antigos

são públicos e permitem visitação sem custos diretos, o que amplia seu potencial enquanto espaços de fruição cultural e educativa.

Sendo as necrópoles espaços de urbanidade, cidadania e cultura, o turismo cemiterial apresenta-se como uma prática relevante para sua manutenção e preservação (Tavares et al., 2015; Nascimento, 2022; Costa & Silva, 2023). No entanto, é importante reconhecer que a visitação a esses locais não se dá de forma irrestrita, estando atravessada por fatores religiosos, culturais, sociais, de segurança e até mesmo econômicos, considerando, por exemplo, os custos de deslocamento. Ainda assim, sua valorização enquanto patrimônio contribui para mitigar processos de abandono e esquecimento social.

Pesquisas realizadas por Tavares et al. (2015), Nascimento (2022), Melo e Halley (2022) e Costa e Silva (2023) nas necrópoles recifenses de Santo Amaro, Ingleses e Várzea demonstram que, no contexto dos cemitérios históricos da cidade do Recife, entendidos pelos autores como aqueles inaugurados ao longo do século XIX, sua valorização enquanto espaços culturais envolve desafios que ultrapassam questões de uso e conservação, alcançando também a esfera do reconhecimento social.

Como argumentam os autores, apesar da presença de um expressivo acervo artístico e arquitetônico, articulado à memória urbana e ao imaginário sobrenatural da cidade, observa-se um processo de progressivo apagamento simbólico, no qual tais valores são diluídos por percepções predominantes que associam o espaço cemiterial quase exclusivamente à tristeza, ao medo e à morbidez. Esse deslocamento de sentido evidencia uma ruptura no vínculo entre população e patrimônio, limitando sua apropriação social e enfraquecendo iniciativas de preservação e valorização, o que contribui para a continuidade de dinâmicas de abandono e esquecimento.

Como bem apontam Costa e Silva (2023), enquanto essas ideias persistirem no imaginário popular, torna-se mais difícil ampliar sua valorização como espaços culturais e patrimoniais. Tal percepção atua como um entrave à visitação e à apropriação social dessas necrópoles, limitando iniciativas como o turismo cemiterial. Isso porque, conforme demonstram Florêncio (2012), Sugawa-Shimada (2015; 2020; 2022) e Cardouzo, Koury e Chicca Júnior (2024), o desenvolvimento de sentimentos de identificação e pertencimento é fundamental para o êxito de ações voltadas à preservação do patrimônio, reforçando a necessidade de ressignificação desses espaços no imaginário coletivo.

Ainda de acordo com os autores, quanto maior for a identificação popular com os bens patrimoniais, mais natural é o desejo das pessoas de se engajar com essas questões, seja visitando sítios históricos e arqueológicos ou museus, seja contribuindo ativamente para a divulgação e a preservação desses bens na sociedade. Ou seja, a partir do momento em que há essa identificação em relação ao patrimônio, a população se apropria dele, incluindo-o em seu cotidiano e impedindo a desvalorização e o abandono social. Considerando esses estudos, torna-se evidente a importância do sentimento de identificação e da inserção dos espaços e bens patrimoniais no cotidiano das pessoas, já que esses elementos são fundamentais para garantir a continuidade social do patrimônio.

Dessa maneira, comunidades como os góticos e os *emos*, grupos culturais que por possuírem conexões profundas com a morte e seus desdobramentos, podem se mostrar como uma alternativa interessante quando se trata de pensar em estratégias de mitigação do estigma imposto aos cemitérios na atualidade. Mais do que uma compreensão abstrata do morrer como parte natural da existência, tais grupos frequentemente desenvolvem práticas que contribuem para a ressignificação desses espaços, como a realização de ensaios fotográficos, encontros culturais, produções artísticas e visitas com caráter contemplativo e estético, como mostram Silva (2006) e Pereira (2025).

Assim, conforme apontam Seaton (1996), Campos e Brandt (2013) e Silva (2024), a relação estabelecida por esses grupos com as necrópoles não se limita à contemplação, mas envolve práticas que podem contribuir ativamente para sua valorização cultural e simbólica. Por esse motivo, o próximo tópico do presente trabalho dedica-se a compreender um pouco desse universo e a analisar de que maneira essas comunidades podem impactar a valorização dos espaços cemiteriais na atualidade.

Um vislumbre dos universos gótico e emo: estética, música e imaginação da morte

Segundo Britto García (1991, citado em Rafael & Ribeiro, 2014), a pós-modernidade abriga três formas distintas de manifestação cultural: a cultura oficial, as subculturas e as contraculturas. A cultura oficial corresponde à cultura dominante, hegemônica, amplamente aceita pela maioria da sociedade. As subculturas, por outro lado, referem-se a grupos minoritários, muitas vezes oriundos de contextos marginais e periféricos, que coexistem com a cultura oficial sem necessariamente entrar em confronto direto com ela. Já as contraculturas têm origem nas subculturas, mas vão além de suas classificações e reivindicações, rompendo com os valores estabelecidos pela cultura dominante e, com isso, gerando conflitos culturais.

Embora os conceitos de subcultura e contracultura tenham sido sistematizados a partir da década de 1960, é importante destacar que a existência de grupos insatisfeitos com a realidade social e engajados na construção de formas próprias de expressão e posicionamento não é um fenômeno exclusivo desse período, podendo ser observada em diferentes contextos históricos. No entanto, foi a partir dos anos 1970, em um cenário marcado pela Guerra Fria e por regimes de repressão, que surgiram os grupos de interesse para o presente trabalho: os góticos e os *emos*. Esses dois grupos enquadram-se como subculturas de acordo com as classificações de Britto García (1991, citado em Rafael & Ribeiro, 2014), uma vez que coexistem com a cultura oficial, ainda que estabeleçam com ela relações de tensão e diferenciação, e se fazem relevantes para a presente pesquisa devido às suas relações com a morte e seus desdobramentos. Portanto, serão apresentados a seguir.

Com inspirações fortemente pautadas na estética gótica do século XVIII e no ultrarromantismo, além da busca pelo sublime e da aversão ao sistema capitalista, a subcultura gótica surgiu por volta do final da década de 1970 e abrange diversas dimensões, como música, literatura, cinema, vestimenta e estilo de vida, podendo se traduzir na representação da escuridão (Silva, 2024). Os elementos como a morbidez, o sombrio, o macabro, o estranho



e o dramático aparecem com frequência nas produções artísticas ligadas ao gótico, e vão além da arte, manifestando-se também na forma como os integrantes dessa subcultura constroem sua aparência, percebem o mundo e vivenciam o cotidiano. Em oposição à efemeridade, ao modismo e ao consumismo desenfreado característicos da lógica capitalista, os góticos se apropriam de símbolos e elementos da cultura dominante, os ressignificando de acordo com suas próprias experiências e visões de mundo, criando assim um universo simbólico (Silva, 2006; Campos & Brandt, 2013; Silva, 2024; Pereira, 2025).

Entre os elementos mais comuns dentro da subcultura gótica, conforme listados por Campos e Brandt (2013), estão a cor preta, relacionada ao dandismo do século XIX, à revolta e à rebeldia; a maquiagem teatral, usada para acentuar expressões dramáticas; a cruz, que apesar de sua origem cristã é ressignificada como uma ponte entre o sagrado e o profano; o *ankh*, símbolo egípcio associado à fertilidade e à vida eterna; o pentagrama e o hexagrama, que remetem a tradições pagãs e são relacionados à proteção e à evolução espiritual; e o *yin-yang*, símbolo da dualidade e do equilíbrio natural.

Além desses, a feminilidade e a androginia também se configuram como aspectos importantes no universo gótico, uma vez que a subcultura se opõe aos padrões tradicionais e, por consequência, à hegemonia cisheteronormativa. A morte, por sua vez, é uma temática central para os góticos, sendo entendida como inevitável, parte do ciclo da vida e de todas as coisas. Por esse motivo, é comum que indivíduos pertencentes a essa subcultura reflitam sobre o morrer e, em alguns casos, frequentem cemitérios como espaços de contemplação, reflexão e apreciação da arte tumular, além de utilizarem o corpo e o visual como forma de expressar suas concepções existenciais (Silva, 2006; Campos & Brandt, 2013; Pereira, 2025).

No que se refere ao visual, existem diferentes estilos dentro da comunidade gótica, sendo o mais popular o chamado gótico tradicional (*trad goth*), que geralmente inclui roupas pretas, acessórios metálicos, maquiagem marcante e cabelos desfiados ou armados (Figuras 1 e 2). No entanto, outras cores também podem compor o visual.

Figuras 1 e 2 - Exemplo de visual gótico tradicional



Fonte: Kayleigh Kadaverous, disponível em <<https://www.instagram.com/Kayleighkadaverous>>.

Sobre o campo musical, estilos como *post-punk*, *new wave*, *glam rock*, *death rock*, *gothic rock* e *dark wave* são comumente associados à subcultura gótica. Entre as bandas mais conhecidas estão *The Cure*, *Bauhaus*, *Joy Division* e *Siouxsie and the Banshees*, cujos visuais dos membros foram fundamentais para a construção do visual gótico tradicional (Campos & Brandt, 2013; Silva, 2024).

Além dos góticos, outra subcultura que apresenta afinidade com temáticas fúnebres e existenciais é o *emotional hardcore*, ou simplesmente *emo*, que surgiu por volta de 1980 como um desdobramento do *hardcore*, estilo musical conhecido por sua agressividade sonora. Como principal diferença, o *emo* traz uma musicalidade mais melódica e letras profundamente emotivas, sendo as bandas *Rites of Spring* e *Embrace* reconhecidas como pioneiras do gênero (Carvalho, 2015).

Nascido dentro da cena *punk*, o *emo* foi uma tentativa de preencher uma lacuna: ao passo que o *punk*, uma contracultura surgida em meados de 1970, era centrado na crítica ao sistema, questões emocionais e subjetivas acabavam sendo deixadas de lado. Diante disso, algumas bandas passaram a dar protagonismo aos sentimentos em suas composições, fazendo da emoção o principal ponto de união do grupo, e assim surgiu o *emotional hardcore*.

A subcultura *emo*, portanto, valoriza a expressão emocional e defende a liberdade amorosa e sexual (Carvalho, 2015). Ainda assim, por se distanciar das temáticas comuns da cena *hardcore*, o *emo* chegou a sofrer certo preconceito por parte dessa mesma comunidade. Nesse âmbito, temas como a dor, a solidão, o sofrimento e a morbidez também marcam presença na estética, na música e nas práticas dessa subcultura, incluindo questões mais delicadas como depressão, automutilação e suicídio. Por essa razão, é comum associar o *emo* à morte e aos espaços relacionados a ela, como os cemitérios, que, de maneira semelhante aos góticos, também são visitados pelos *emos*.

Carvalho (2015) buscou compreender os aspectos éticos, estéticos e simbólicos do universo *emo*, analisando os motivos pelos quais essas temáticas estão tão presentes na comunidade. A pesquisa concluiu que a subcultura *emo* nasce de uma sensação de desesperança em relação ao mundo, o que acaba levando seus integrantes a priorizar temas afetivos e amorosos, já que o amor é visto como um valor em escassez. Isso não significa, porém, que a comunidade incentiva comportamentos patológicos, pelo contrário: é um espaço de acolhimento e funciona como uma rede de apoio, como mostram alguns influenciadores da cena nas redes sociais.¹

Ademais, como se trata de uma subcultura originada na música, ouvir bandas *emo* é o critério principal para pertencer a essa comunidade. Estilos como *hardcore*, *pop punk*, *post-hardcore*, *metalcore*, *screamo*, *deathcore* e *pop rock* são comuns entre os *emos*, mas mesmo bandas que não se encaixam nisso podem ser acolhidas pela subcultura (Carvalho, 2015). Algumas bandas de destaque incluem *My Chemical Romance*, *Black Veil Brides*, *Pierce the Veil*, *Asking Alexandria*, *Alesana*, *Saosin*, *Bring Me the Horizon* e *Sleeping with Sirens*.

¹ Alguns perfis da cena que se pode citar: Lethal Lud (@Lethallood), Mason (@mahhscenexx) e Pedro Scomparin (@scomparin_pedro).

No quesito visual, conforme mostra Carvalho (2015), o estilo *emo* envolve o uso predominante do preto, camisetas de banda, calças justas, tênis como *Converse* e *Vans*, acessórios metálicos, maquiagem pesada, colares, cintos, luvas e cabelos repicados e armados com franja (Figuras 3 e 4). Apesar da predominância do preto, algumas cores como azul, rosa, verde, roxo e vermelho também aparecem.

Figuras 3 e 4 - Exemplo de visual emo



Fonte: Mahh Scene, disponível em <<https://www.instagram.com/mahhscenexx/>>.

Frequentemente, o *emo* é confundido com o *scene*, subcultura que surgiu nos anos 1990 entre pessoas que buscavam um visual mais alternativo, principalmente no que diz respeito ao cabelo, com cortes e cores bem diferenciados (Carvalho, 2015). O termo “*scene*” chegou a ser usado de forma pejorativa por membros da cena *hardcore*, especialmente contra mulheres, consideradas “falsas fãs”. Com o tempo, no entanto, essas pessoas se apropriaram do termo e formaram uma nova comunidade. O *scene* pode então ser considerado uma espécie de subcultura irmã do *emo*, pois compartilha referências musicais e estéticas, e é comum que as duas cenas convivam nos mesmos espaços.

Dada a proximidade entre *emo* e *scene*, torna-se necessária essa breve distinção. E apesar das diferenças, ambas compartilham valores semelhantes, especialmente em relação à autoexpressão e à quebra de normas sociais, seja no campo estético, de gênero ou sexualidade. Muitos dos integrantes dessas subculturas fazem parte da comunidade LGBTQIA+ e promovem discursos e práticas de liberdade amorosa e sexual, desafiando a cisheteronormatividade com visuais andróginos ou alinhados ao feminino (Carvalho, 2015).

Apesar da internet ter ampliado a visibilidade das subculturas ao longo do século XXI, os encontros presenciais continuam sendo fundamentais para manter a cena ativa (Pereira, 2025). Esses encontros geralmente ocorrem em lugares como bares, clubes noturnos, lojas

temáticas, parques, praças ou mesmo em cemitérios, como mostram Campos e Brandt (2013), Carvalho (2015) e Silva (2024). Em seus trabalhos, Silva (2006) e Pereira (2025) apresentam alguns exemplos de atividades realizadas por essas subculturas em espaços cemiteriais, indo de festas noturnas até eventos literários e oficinas artísticas.

Além disso, as autoras também defendem que a ocupação desses espaços por essas comunidades possui um viés político, constituindo uma forma de resistência à privatização dos espaços públicos e ao enfraquecimento das relações interpessoais gerada pelo sistema capitalista (Silva, 2006; Pereira, 2025). Dessa maneira, levando em consideração que as comunidades gótica e emo são frequentadoras de espaços cemiteriais, recorrer a elas pode representar uma estratégia promissora para pensar formas de mitigar o estigma que recai sobre os cemitérios e reaproximar a população desses espaços.

Subculturas e contraculturas despertam interesse justamente por desafiar o padrão vigente (Rafael & Ribeiro, 2014). Esses grupos enxergam o corpo, a arte e a moda como ferramentas de expressão individual e coletiva, e são também espaços de acolhimento e pertencimento, contribuindo para a formação de laços e redes de apoio (Campos & Brandt, 2013; Carvalho, 2015; Silva, 2024). Dessa forma, reconhecer o potencial dessas manifestações como agentes de ressignificação dos espaços da morte é interessante para pensar estratégias de reintegração dos cemitérios à vida urbana e cultural, em especial quando se considera o fator de identificação como fundamental para a continuidade dos bens patrimoniais na sociedade, como defendido por Florêncio (2012), Sugawa-Shimada (2015; 2020; 2022) e Cardouzo, Koury e Chicca Junior. (2024).

Ao valorizar essas expressões alternativas, é possível não apenas combater a imagem negativa que envolve os espaços cemiteriais na atualidade, mas também promover uma relação mais sensível, diversa e significativa com o patrimônio cemiterial. Essas ideias não ficam restritas somente à teoria: grupos góticos e *emos*, por exemplo, frequentemente realizam ensaios fotográficos, encontros, produções artísticas e visitas com caráter contemplativo em cemitérios, mobilizando esses espaços como cenários de expressão estética e reflexão simbólica, como será discutido de maneira mais aprofundada no tópico a seguir.

Seriam então as subculturas a solução de todos os problemas?

Não exatamente, mas, como defendido ao longo do artigo, elas podem ser um caminho para começar a pensar em alternativas. Tal como apontado por Sugawa-Shimada (2015; 2020; 2022) e Cardouzo, Koury e Chicca Junior (2024), a partir do momento em que existe uma identificação da população com um bem patrimonial, se torna mais simples inserir esse patrimônio no cotidiano das pessoas, seja ele material ou imaterial, garantindo assim sua continuidade social. E, se as subculturas gótica e *emo* possuem essa relação de identificação com a morte e por consequência com os espaços da morte, como os cemitérios, é justo considerar a colaboração desses grupos para incentivar uma valorização do patrimônio cemiterial na atualidade.

Diante do potencial simbólico, afetivo e estético das subculturas gótica e *emo*, é possível vislumbrar caminhos viáveis para reaproximar a sociedade dos cemitérios. Essas comunidades estão mergulhadas numa busca incessante para alcançar o sublime por meio de elementos incomuns, como a morbidez, o sombrio, o macabro e o dramático. Dessa forma, através da moda, da arte e da autoexpressão, os góticos e os *emos* têm muito a contribuir para questões de preservação relacionadas aos espaços cemiteriais: basta olhar para as produções artísticas e para a própria vivência desses grupos, que naturalizam e aceitam a morte e suas facetas como algo integrante e indissociável da vida.

Por meio da literatura gótica, por exemplo, é possível notar a naturalização dos espaços cemiteriais como lugares de socialização, como é o caso de *Drácula*, clássico gótico escrito por Bram Stoker e publicado pela primeira vez em 1897. Nesse livro, há cenas em que os personagens vão a cemitérios para conversar e passar tempo (Stoker, 2017, p. 114), incluindo também descrições detalhadas das estruturas funerárias presentes na necrópole.

Além da literatura, as músicas dessas comunidades frequentemente apresentam letras que fazem referência ao contexto cemiterial, como é o caso de *Will you meet me in the graveyard?*² (*Você vai me encontrar no cemitério?*, tradução literal), da banda *emo Snow White's Poison Bite*. Outro caso notável é o dos jogos relacionados com essas subculturas, como o caso de *A Mortician's Tale*,³ no qual o jogador interpreta o papel de uma agente funerária que prepara corpos para funerais e se depara com diversos dilemas relacionados à morte e seus desdobramentos na sociedade.

Levando isso em consideração, ainda que as subculturas não devam ser vistas como a solução definitiva, podem funcionar como catalisadores de mudança, despertando a curiosidade e promovendo o engajamento em pautas patrimoniais antes negligenciadas. Em seu trabalho, Seaton (1996) apresenta e discute o conceito de *thanaturismo*, uma forma de turismo baseada na *thanatopsis*, a contemplação da morte. A partir dessa perspectiva, observa-se que práticas já existentes, como visitas mediadas, roteiros históricos e atividades culturais em cemitérios (Silva et al., 2022),⁴ não apenas dialogam com o repertório dessas subculturas, como também encontram nelas formas concretas de expressão e apropriação.

Nessa direção, a participação desses grupos em tais práticas se materializa em diferentes formas de uso e ressignificação dos espaços cemiteriais. Entre elas, destacam-se encontros organizados ou espontâneos em cemitérios, ensaios fotográficos temáticos, produção de conteúdo para redes sociais, participação em visitas guiadas e até a realização de pequenas intervenções artísticas e culturais, sempre mediadas por diferentes níveis de formalização.

Um exemplo disso é o Festival de Música Gótica,⁵ realizado todos os anos em Leipzig, Alemanha. Esse evento é uma grande reunião anual da comunidade gótica e, além das

² Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/3RM9amKzuhpNFtrtdadEXY?si=417ee7186a59423a>>. Acesso em 11 de abril de 2026.

³ Disponível em: <https://store.steampowered.com/app/578720/A_Morticians_Tale/>. Acesso em 11 de abril de 2026.

⁴ G1. (2023, 12 de janeiro). Cemitério Soledade é transformado em parque e abre para visitas em Belém. *G1 Pará*. <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/01/12/fotos-parque-cemiterio-da-soledade-abre-para-visitacao-em-belem.ghtml>

⁵ Disponível em: <<https://www.wave-gotik-treffen.de/english/>>. Acesso em: 11 de abril de 2026.

apresentações musicais, inclui em sua programação a visita aos cemitérios locais. Ações como essa são essenciais para a ressignificação simbólica dos espaços cemiteriais, afastando-os da imagem popular de lugares nos quais somente existem a dor, o luto e a perda, afinal as necrópoles são arquivos, museus a céu aberto, e guardam a história, a cultura e a memória da cidade que o cerca, tanto na esfera coletiva quanto na individual (Tavares; Brahm & Colvero, 2017).

No contexto brasileiro, outra ação promovida pelas próprias subculturas para a valorização do patrimônio cemiterial é o caso do jogo *Boas-vindas ao Clube do Caixão!*, que está sendo desenvolvido pelo Studio Cookie Croc⁶ em parceria com a pesquisadora Yasmin Koury para sua dissertação de mestrado, com previsão de lançamento para julho de 2026. O jogo se trata de uma experiência narrativa na qual o jogador visita o Cemitério de Santo Amaro, localizado na cidade do Recife, encontrando lá pessoas góticas e *emo* que o ajudam a compreender o papel dos cemitérios enquanto lugar de memória e socialização. O principal diferencial é que o jogo está sendo produzido não só pela pesquisadora e pelo estúdio de jogos, mas também por pessoas integrantes das subculturas gótica e *emo*, utilizando dessa maneira o repertório cultural desses grupos para cativar o público em geral no que se refere ao patrimônio cemiterial.

Ademais, ações educativas voltadas para escolas e universidades pautadas no universo gótico e *emo* podem favorecer a naturalização do debate sobre a morte e promover uma nova compreensão dos cemitérios enquanto espaços de aprendizagem e memória coletiva, especialmente porque as subculturas possuem um forte apelo para os mais jovens (Carvalho, 2015). Nesse sentido, o uso de produções midiáticas associadas a essas subculturas, como literatura, música, jogos digitais, conteúdos audiovisuais e produções para redes sociais, pode funcionar como ponto de partida para a mediação pedagógica, aproximando os estudantes da temática de maneira mais acessível e significativa.

A partir dessas referências, é possível desenvolver oficinas, debates, rodas de conversa e visitas educativas que articulem tais repertórios com discussões sobre patrimônio, arte tumular e memória, contribuindo para que as novas gerações enxerguem os campos santos de forma menos estigmatizada e mais conectada com a história, a arte e a própria condição humana, tal como afirmam Nascimento (2022) e Costa e Silva (2023).

Outra frente que pode ser levada em consideração é a comunicação digital, que já vem sendo utilizada na valorização de cemitérios, não se restringindo às subculturas gótica e *emo*. Plataformas como *YouTube*, *Instagram* e *TikTok* concentram conteúdos voltados à visita, arte tumular e memória, por meio de registros visuais, narrativas históricas e abordagens que dialogam com o imaginário sobrenatural, como mostram Ribeiro (2019) e Pereira (2025). Ao combinar informação e estética, esses materiais despertam o interesse do público e incentivam novas formas de engajamento com o patrimônio cemiterial.

Nesse contexto, a presença online das subculturas contribui para a circulação e ressignificação dessas narrativas, consolidando a comunicação digital como uma ferramenta ativa de mediação entre sociedade e espaços funerários, como é o caso da influenciadora

⁶ Disponível em: <<https://cookie-croc-studio.itch.io/>>. Acesso em 11 de abril de 2026.

gótica Kayleigh Kadaverous (Figuras 1 e 2), que está sempre realizando ensaios fotográficos em cemitérios diversos e incentivando seus seguidores a visitar esses espaços. Além dela, é possível citar também o influenciador *emo* Calibre Kaz,⁷ que constantemente faz vídeos visitando cemitérios.

Considerações finais

A morte, fenômeno curioso e paradoxal que acompanha o ato de existir desde o seu surgimento, vem sendo tratada como tabu desde meados do século XX pela sociedade ocidental, resultando em uma série de entraves que dificultam a valorização dos espaços dedicados aos mortos. Os cemitérios, outrora compreendidos como lugares de sociabilidade e contemplação, hoje enfrentam o abandono social, a negligência institucional e o distanciamento afetivo, fruto de uma cultura que busca higienizar a dor e silenciar o morrer.

Frente a esse cenário, o presente trabalho buscou refletir sobre possíveis caminhos para mitigar o estigma que envolve os campos santos na atualidade, a partir da análise das subculturas gótica e *emo*. Esses grupos urbanos historicamente marginalizados mantêm uma relação simbólica, estética e filosófica com a morte. Assim, podem representar um ponto de partida interessante para pensar novas formas de se relacionar com os espaços funerários na contemporaneidade.

Em suma, o potencial transformador das subculturas não reside apenas em sua estética ou em sua relação simbólica com a morte, mas em sua capacidade de sensibilizar a sociedade para outras formas de convivência com os espaços funerários. Ao mobilizar afetos, memórias e identidades através da arte, da música e da performatividade, esses grupos contribuem para desconstruir tabus e promover novas formas de pertencimento urbano e patrimonial.

Por fim, é preciso destacar que qualquer iniciativa de valorização dos cemitérios precisa ser pensada com sensibilidade, escuta ativa e respeito às pluralidades culturais e religiosas. Mais do que transformar os cemitérios em palcos de espetáculos e locais de convivência, trata-se de convidar a sociedade a redescobrir esses espaços a partir de novas sensibilidades, capazes de acolher tanto a dor do luto quanto a celebração da vida.

Essas subculturas, ao naturalizarem o morrer e incorporarem elementos funestos em suas práticas cotidianas, demonstram que é possível existir uma convivência menos hostil com a finitude e, por consequência, com os lugares que a representam. Seu potencial enquanto agentes de resignificação reside justamente na capacidade de despertar o interesse público por meio de expressões artísticas, visuais e afetivas que dialogam diretamente com o imaginário fúnebre.

É importante destacar, no entanto, que não se trata de transferir a responsabilidade da preservação cemiterial para essas comunidades, mas sim de reconhecer seu valor enquanto mediadoras simbólicas e culturais capazes de promover uma reaproximação entre a sociedade e os espaços da morte. Aliando sensibilidade, criatividade e pertencimento, ações culturais,

⁷ Calibre Kaz (@calibrekaz no Instagram, Tiktok e X, antigo Twitter).

educativas e participativas podem ser articuladas em conjunto com esses grupos, de modo a estimular o uso consciente, respeitoso e afetivo dos cemitérios.

Mais do que espaços de perda, as necrópoles podem voltar a ser lugares de encontro, de memória, de arte e de vida, desde que se abram as portas para outras formas de olhar, sentir e experienciar a morte. Ao valorizar expressões alternativas como as subculturas, reconhece-se a potência do diverso e do sensível na construção de uma nova ética patrimonial, mais inclusiva, afetiva e plural. Afinal, se a morte é uma herança comum a todos, nada mais justo do que garantir que os lugares que a abrigam também possam ser compartilhados, cuidados e celebrados por todas as pessoas.

Referências bibliográficas

Barthel, S.; Ramos, A. C. P. T. & Castro, V. M. C. (2020). Estilos Arquitetônicos em Espaços Cemiteriais: Contribuição aos Estudos de Arqueologia Funerária. *Revista Noctua—Arqueologia e Patrimônio*, 2(5), 107-141.

Campos, A. F., & Brandt, V. da S. (2013). *Estética gótica: uma busca pela inserção dos adeptos da subcultura com a sociedade por meio do vestuário*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Tecnológica Federal do Paraná]. <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/5985>.

Cardouzo, A. C. de L. P.; Koury, Y. C. B. A. & Chicca Júnior, N. A. (2024, janeiro a dezembro). Da Colina Kokuriko à Educação patrimonial: o cinema como uma ferramenta de Educação Patrimonial e Extroversão do Conhecimento. *Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek*, 6(10), 129-136.

Carvalho, R. O. (2015). *A emoção em rede: as éticas e estéticas Emo* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/8968>.

Costa, R. X. da & Silva, A. C. B. da. (2023, fevereiro). Jazigo perpétuo: o cemitério de Santo Amaro no Recife como museu a céu aberto. *RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo*, 13(5), 149-163.

Florêncio, S. R. R. (2012). Educação patrimonial: Um processo de mediação. In A. B. Tolentino (Org.). *Educação patrimonial: Reflexões e práticas* (pp- 22–29). Superintendência do IPHAN na Paraíba.

Lima, I. P. de; Rocha, L. A da & Silva, J. C. G. L. da. (2022). Lugar, memória e respeito: cemitério, uma visão arqueológica. In O. A. de Carvalho & A. N. de Queiroz (Org.). *Uma viagem pela arqueologia nordestina* (Vol. 3, pp-183-199). Editora UFS.

Lotman, I.; Américo, E. V. & Kondratiuk, M. C. (2025, janeiro a junho). A morte como um problema de enredo. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, 10(19), e13438. <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/13438/12760>.

Melo, F. C. de & Halley, R. M. (2022). Morte e vida no bairro: paradoxos do cemitério da várzea em seu território. *Paisagens & Geografias*, 4(Esp), 65-81. <https://paisagensegeografias.revistas.ufcg.edu.br/index.php/A1p7D/article/view/45/48>

Nascimento, D. S. D. (2022). O cemitério de Santo Amaro (Recife/PE) e seu potencial turístico: Um novo olhar. *Portal de Trabalhos Acadêmicos*, 13(1). <https://revistas.faculdedamas.edu.br/index.php/academico/article/view/2270>

Pereira, B. C. (2025). *O gótico está (morto)-vivo: Memórias de góticos de Curitiba-PR na interface com a subcultura* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Paraná].

Rafael, R. D. & Ribeiro, L. A. (2014). Cultura e contracultura: Ferlinghetti. *Revista Criação & Crítica*, 13, 127-137. https://revistas.usp.br/criacaoecWWritica/pt_BR/article/view/83640/91601.

Ribeiro, R. R. (2019, julho a dezembro). Redes de memória e de comemoração: reflexões sobre o "contato herdeiro" do Facebook. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, 1(2), 356–375. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2016.v1i2.356-375>.

Seaton, A. V. (1996). Guided by the dark: From Thanatopsis to thanatourism. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), 234-244.

Silva, L. E. da (2024). *Penas e Guitarras Sombrias: Interdisciplinaridade e Estudos Culturais entre Edgar Allan Poe e The Cure as influências da literatura e da música para a subcultura gótica* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul]. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/8953>.

Silva, W. C. da, et al. (2022). Bem-vindo ao Recife assombrado: Uma análise da potencialidade à promoção do dark tourism em Recife-PE. *Turismo e Sociedade*, 15(1), 123–142. <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/83444/47089>.

Silva, W. R. A. da. (2006). *Relatos etnográficos à meia-noite: O universo estético dos góticos na cidade de São Paulo* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

Stoker, B. (1897/2017). *Drácula* (A. B. de Souza, trad.). Zahar.

Sugawa-Shimada, A. (2015). "Rekijo", pilgrimage and "pop-spiritualism": pop-culture-induced heritage tourism of/for young women. *Japan Forum*, 27(1), 37-58.

Sugawa-Shimada, A. (2020). Animating artifact spirits in the 2.5 - dimensional world: personification and performing characters in Touken Ranbu. In T. G. Hu; M. Yokota & G. Horvath. (Org.). *Animating the spirited: journeys and transformations* (pp-55-65). University Press of Mississippi.

Sugawa-Shimada, A. (2022). Tōken Ranbu and samurai swords as tourist attractions. In T. Yamamura & P. Seaton (Ed.). *War as Entertainment and Contents Tourism in Japan* (pp- 56-60). Routledge.

Tavares, D. K. et al. (2015). Cemitério: patrimônio cultural material e fonte de turismo como possibilidades. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 1(2), 191-210.

Tavares, D. K.; Brahm, J. P. S. & Colvero, R. B. (2017). O túmulo do general: história e arte no British Cemetery do Recife. *6 Seminário de História da Arte UFPel*. Universidade Federal de Pelotas.

Trevisan, D. & Maciel, C. (2023, janeiro a junho). Panorama de pesquisas sobre aspectos educativos da morte no contexto da educação básica a partir de uma Revisão Sistemática de Literatura. *Revista M. Estudos sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, 8(15), e11204. <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/11204/11469>.

Submetido em: 29 de julho de 2025

Aprovado em: 5 de junho de 2026